

Vilão bom é vilão morto?



O sucesso da novela *A favorita* aconteceu exatamente por não deixar definido quem era a vilã ou a mocinha

DENI NAVARRO E ELIANE MARTINS

Cada vez mais os vilões estão ganhando a simpatia do público. Será isto um reflexo da sociedade em que vivemos?

Todo dia milhões de brasileiros têm a mesma rotina: sentar em frente à televisão durante a noite e assistir atentamente as telenovelas. Os enredos podem ser dos mais variados temas. Mas o hábito, que já perdura por 58

anos (a primeira novela foi *Sua vida me pertence*, da TV Tupi), se tornou parte da cultura do país. Tanto que as mudanças nos enredos da teledramaturgia servem como reflexão e parâmetro para observar a nossa própria sociedade.

Mas uma transformação que vem acontecendo nos últimos folhetins pode estar revelando um dado extremamente peculiar: cada vez mais os grandes vilões das novelas estão sendo cultuados pelo público. Se em outros tempos o final do antagonista só podia ser a morte ou a prisão, hoje o público brasileiro vibra quando um personagem, que tratou de estragar a vida de todos na novela, acaba escapando impune. Esta tendência gera algumas perguntas. Será que a linha que divide o bem e o mal está cada vez mais tênue? Ou será que a moralidade do brasileiro está distorcida? Por que os brasileiros estão se identificando tanto com um personagem que só existe para praticar o errado?

Um exemplo recente aconteceu em 2008, na novela da Rede Globo *Duas caras* onde a personagem de Alinne Moraes, que começou aparentando ser a mocinha da história, teve uma mudança drástica. No desenrolar dos capítulos acabou se tornando uma vilã clássica, que em outros tempos a morte seria o seu único destino. Mas diferente disso, ela teve um final pra lá de feliz. Fugiu para Paris, onde viveu livre e sem punição para o resto de sua vida. No entanto, o público não se revoltou com o final incomum, muitos até se identificaram com a megera.

A diferença de postura da sociedade pode ser comparada ao lembrar a novela *Vale tudo*, de 1989. Na ocasião, o autor Gilberto Braga, fez com que seus vilões, personagens interpretados por Reginaldo Faria e Cássia Kiss, escapassem, depois de matar, roubar e mentir. A cena clássica do personagem de Reginaldo Faria fugindo de avião e fazendo um gesto de banana para o Brasil ficou imortalizada na teledramaturgia



Alinne Moraes, vilã da novela *Duas Caras*

brasileira. Mas, nesta ocasião, a intenção da novela era chocar e alertar para a impunidade que ocorria por aqui. A própria música tema da novela, de autoria de Cazuzza (*Brasil, mostra a sua cara*) indicava a idéia proposta. E o autor conseguiu. Os vilões não foram idolatrados e não houve simpatia do público por eles.

Para o psicólogo José Caetano Ribeiro há um aspecto nestes no-

vos personagens que pode ajudar a entender a identificação do público com eles. “Acredito que em primeiro lugar os vilões também se modificaram. Tornaram-se mais humanos, com problemas reais. Assim, o público consegue se identificar, de certa forma, e até compreender porque eles cometem erros, como roubar, ou mentir. O vilão deixou de ser uma figura tão distante assim”, ressaltou.



Vale tudo foi uma das primeiras novelas que o vilão consegue escapar e se dar bem

O “jeitinho brasileiro”

Um vilão mais humanizado, que utiliza de certas vilanias para se dar bem, é mais identificado como uma característica clássica da nossa cultura: o “jeitinho brasileiro”. Esta característica nada mais é do que cometer pequenos atos ilícitos para se dar bem, mesmo que isso implique em passar por cima dos outros. Isso pode ser uma das razões que aproximem os vilões do povo.

O historiador Sérgio Buarque de Hollanda já se referia a esta questão do “jeitinho brasileiro” em seu livro *Raízes do Brasil*. Sérgio cria o conceito de “Homem Cordial”. Ele afirma que o indivíduo brasileiro teria desenvolvido uma histórica propensão à informalidade. Na vida cotidiana, tornava-se comum ignorar as leis em favor das amizades. Desmoralizadas, incapazes de se imporem, as leis não tinham tanto valor quanto, por exemplo, a palavra de um “bom” amigo. De acordo com testemunhos de comerciantes holandeses, era impossível fazer negócio com um brasileiro antes de se fazer amizade com este. Um ditado da época dizia que “aos inimigos, as leis;

aos amigos, tudo”. A informalidade era – e ainda é – uma forma de se preservar o indivíduo.

“Outra característica dos personagens de hoje é que eles são mais completos, sem aquele maniqueísmo de antes, onde ou você era bom, ou você era mau. As novelas procuram construir pessoas com lados bons e ruins. Sendo esse outro ponto para humanização dos personagens”, afirmou o psicólogo.

Com esta percepção de criar personagens que mais complexos e menos maniqueístas, alguns autores inovaram. Como, por exemplo, na recente novela das oito *A favorita*, de 2008. O autor João Emanuel Carneiro construiu duas personagens aparentemente bem definidas, uma como a heroína e

outra como vilã. No entanto, no desenrolar da história, Carneiro revela que a vilã, na verdade é a mocinha e vice-versa. Esta fórmula revolucionou os folhetins pela surpresa provocada no público e por mostrar que existem lados bons e ruins em qualquer pessoa. Dois personagens que aparentavam ser batidos e simples, na verdade, eram muito complexos. A surpresa mostrou que a linha do que é considerado bom e mau hoje em dia é bem mais relativizada.

Apesar do fascínio produzido por enredos mais complexos, a atriz Claudia Sardinha acredita que a relativização dos valores morais da nossa sociedade precisa ter um limite. “Esta relativização também não pode ser exacerbada. Existem certos valores que são fundamentais para a construção de uma sociedade. Caso contrário, corremos o risco de cair no mundo da selvageria. Acredito que é importante ter vilões e heróis mais humanizados e menos maniqueístas, mas temos de ressaltar também o que é certo e o que é errado”, destacou a atriz.

Muitos roteiristas acreditam que um folhetim clássico não existiria sem o mau-caráter para fazer contraposição ao herói. Se o vilão é sem sal, a novela tende a não emplacar. Seria este o motivo na construção destes novos vilões mais humanos, que deram tão certo?

O autor Manoel Carlos, que conta com mais de 15 novelas em seu

“Eu me divirto com os vilões. Eles são normalmente muito engraçados. Alguns até atrapalhados. Dá um charme a mais”, afirma a dona de casa Sônia

currículo, acredita que o sucesso do vilão está na banalização dos crimes no cotidiano. “Por causa das vilanias da vida real, incluindo aí políticos e bandidos que nos ameaçam diariamente, se tornou uma evolução natural. Os vilões da ficção ficaram menos duros”, opina.

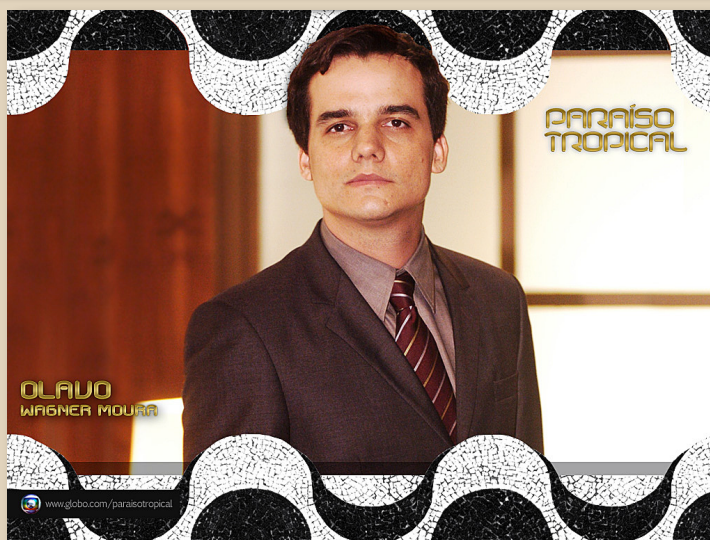
Os novos vilões das telenovelas

Pelo histórico dos últimos vilões, observa-se que os mais populares são aqueles que possuem humor, charme e autoconfiança. Os que fazem maldade para se dar bem, que não têm escrúpulos e os que falam o que pensam estão em alta. Essa relação de amor e ódio pode levar o vilão a um fim redentor. Nem tudo é bem visto, mas que a visão que se tem hoje é bem diferente da que se tinha no início das tramas, não há dúvidas. “Eu me divirto com os vilões. Eles são normalmente muito engraçados. Alguns até atrapalhados. Dá um charme a mais. A gente sempre fica esperando para ver qual a próxima maldade que ele vai fazer. Os vilões são muito mais espertos, aguçam mais a nossa inteligência, chego a ter raiva dos mocinhos”, revela a dona de casa Sônia Soares, de 35 anos e fã de novela desde os 10 anos de idade.

“Uma trama é boa quando o vilão é bom”, disse o diretor inglês Alfred Hitchcock. O vilão é quem leva a ação, arma a história, faz a trama avançar e acontecer. É para aplacar suas maldades que o mocinho entra em cena. Felicidade em novela não rende, nem dá audiência. Os vilões seduzem as platéias. É como se fossem projetadas neles toda a nossa maldade. E todos nós temos um lado mau, por mais que tentemos negar. O personagem faz e diz coisas que nós gostaríamos de fazer e dizer, mas somos reprimidos no dia a dia. A maldade da ficção nos liberta da nossa própria maldade. É uma catarse.



Alguns vilões de novelas



Wagner Moura, com seu Olavo Novaes em Paraíso tropical, foi um dos poucos vilões masculinos que despertou a simpatia do público. Olavo não tinha muitos atributos e inicialmente nem era tão cultuado, mas com a aliança com Bebel (Camila Pitanga), a prostituta camarada, os dois acabaram virando o xodó do Brasil e muita gente até torcia para um final feliz para os dois personagens.



Patrícia Pillar na pele de Flora, de A favorita, viveu um grande momento na carreira. A personagem beirava a loucura, fazia todas as maldades existentes para acabar com a vida da protagonista da novela, Donatella. Mas mesmo assim ela foi aclamada pelo público.



Nazaré Tedesco, personagem da novela Senhora do destino e interpretada por Renata Sorrah, talvez tenha sido a antagonista que manteve a melhor relação com o público até hoje. Ao mesmo tempo em que era odiada por suas maldades, era amada por sua personalidade. Nazaré era desinibida, não tinha medos e tinha um ego lá em cima, suas cenas de reflexão na frente do espelho são consideradas memoráveis